

## *A etnoarqueologia brasileira contemporânea: cultura material e implicações sociais*

**Rita Juliana Soares Poloni**  
**Universidade do Algarve (UAlg)**  
julianapoloni@hotmail.com

### **RESUMEN**

O objectivo do presente trabalho é investigar as opções teórico-metodológicas de algumas teses de Mestrado e Doutoramento em Etnoarqueologia, realizadas no Brasil a partir da década de 80 do século XX de forma a propor um quadro de caracterização desse campo científico no cenário brasileiro contemporâneo que leve em conta sua relação com a sociedade civil bem como as implicações socio-políticas dessas pesquisas.

### **Palabras clave:**

Etnoarqueologia; Arqueologia; Teoria; Métodos; Sociedade; Brasil.

### **ABSTRACT**

The aim of the present work is to investigate theoretical and methodological options of some masters and doctoral theses in Ethnoarchaeology held in Brazil from the 80s of the twentieth century in order to propose a characterization framework of this scientific field in the Brazilian contemporary scenario considering their relationship with civil society as well as the socio-political implications of such research.

### **Keywords:**

Ethnoarchaeology; Archaeology; Theory; Methods; Society; Brazil.

### **RESUM**

L'objectiu d'aquest treball és investigar les opinions teòriques i metodològiques d'alguns Màsters i Tesis Doctorals en Etnoarqueologia, realitzats al Brasil a partir de la dècada dels 80 del segle XX, per tal de proposar un quadre de caracterització del camp científic a l'escenari brasiler contemporani, que tingui en compte la seva relació amb la societat civil així com les implicacions sociopolítiques de tals recerques..

### **Paraules Clau:**

Etnoarqueologia; Arqueologia; Teoria; Mètodes; Societat; Brasil.

### **INTRODUÇÃO**

O Brasil é uma Nação que tem a questão étnica como componente ideológico de entendimento de sua própria identidade. Fortemente marcada pela presença de etnias indígenas, africanas e europeias, esta Nação se vê, desde os tempos

coloniais, chamada a dialogar com estes universos culturais, e o faz, no decorrer do tempo, sob diferentes perspectivas.

Particularmente, a partir da década de 80, quando o Brasil passa a mergulhar no contexto

Rebut: 1 septembre 2010; Acceptat: 1 decembre 2010

da redemocratização pós Ditadura Militar (1964- 1985) tais questões passam a tomar um novo fôlego e a ser amplamente (re)discutidas não só em âmbito científico, mas também nas esferas políticas e sociais desse país.

Torna-se, então, interessante questionar de que forma a Etnoarqueologia, enquanto campo teórico-metodológico da Arqueologia por definição relacionado ao estudo de grupos indígenas contemporâneos, é recebida pelo universo científico brasileiro a partir da década de 80. Da mesma forma, torna-se igualmente importante acompanhar como esta abordagem arqueológica tem tomado dimensão social e política na actualidade, ou seja, como tal universo teórico-científico imbrica-se com as questões étnico-sociais que suscita, sua penetração no seio da sociedade como instrumento de questionamentos a respeito desse tema.

Nesse sentido, tentar-se-á perceber aproximações e distanciamentos entre as perspectivas teórico-metodológicas de algumas teses de Mestrado e Doutorado em Etnoarqueologia, realizadas no Brasil e enquadradas no período histórico abordado, de forma a propor um quadro de caracterização desse campo científico no cenário brasileiro contemporâneo.

Por outro lado, tal teorização servirá como base para uma análise ao mesmo tempo histórica e teórica da Etnoarqueologia no Brasil, que procurará demonstrar não só os aspectos nos quais tais trabalhos têm mais se desenvolvido mas também a relação que tais tendências têm com a sociedade científica e civil nas quais se inserem, bem como as implicações sócio-políticas dessas pesquisas.

### **A REDEMOCRATIZAÇÃO E OS MOVIMENTOS SOCIAIS**

Em 1985, a Ditadura Militar brasileira chega ao fim, dando lugar a um novo regime democrático, iniciado pelo governo de José Sarney

(1985-1989). A partir daí, dá-se início a uma retomada dos temas humanistas, sobretudo aqueles ligados aos estudos dos grupos subalternos e à preservação do património cultural brasileiro. Assim, vários estados e municípios, em todo o Brasil, começam a introduzir leis de protecção de vestígios arqueológicos, enquanto os arqueólogos voltam-se pela primeira vez, para a pesquisa do grupo étnico mulato e reatendem-se as pesquisas a respeito dos africanos, dos indígenas e de outros grupos étnicos brasileiros (FUNARI, 2002:144).

Por outro lado, a temática indígena, que é foco prioritário da Etnoarqueologia no Brasil, passa a ter a seu dispor centenas de ONG's, que são, por sua vez, compostas por inúmeros cientistas de áreas como a geografia, sociologia, história, ciências políticas, e a arqueologia, além de advogados, indigenistas, ambientalistas, entre outros, e é evidente que os princípios científicos, teóricos, e filosóficos de suas áreas de actuação, são inevitavelmente trazidos para o trabalho de actuação social que realizam, e que, para além disso, muitos textos e pesquisas são por eles produzidos no exercício de suas actividades nesses organismos.

Dessa forma, não nos podemos abster de admitir que, no contexto no qual emergiram as contingências que impulsionaram determinados investigadores a dedicarem seus trabalhos às questões étnicas ou a grupos étnicos, estão contidas, certamente, questões manifestas ou constituídas em meio a essa efervescência social, política e científica na qual se insere tais questões no Brasil contemporâneo. Por outro lado, não só as investigações nascem de tal contexto social, como se tornam substrato a partir do qual a sociedade alimenta essas discussões, possibilitando que mais investigações surjam a partir daí.

## **CARACTERIZAÇÃO TEÓRICO METODOLÓGICA DA ETNOARQUEOLOGIA BRASILEIRA**

Com o objectivo de buscar traçar parâmetros de compreensão que ajudem a responder de que forma o trabalho em Etnoarqueologia se tem desenvolvido no Brasil no contexto pós a Ditadura Militar, seus contornos próprios, seus horizontes, foram escolhidas para esta pesquisa sete teses científicas, sendo quatro de Mestrado e três de Doutorado, escritas entre os anos de 1993 até 2007. São elas, respectivamente, *Sem Tekohá não há Tekó: Em Busca de um Modelo Etnoarqueológico da Aldeia e da Subsistência Guarani e sua Aplicação a uma Área de Domínio no Delta do Rio Jacuí-RS* (1993), *A Produção Cerâmica como Reafirmação de Identidade Étnica Maxakali: Um Estudo Etnoarqueológico* (1999), *Cenários da Ocupação Guarani na Calha do Alto Paraná: um Estudo Etnoarqueológico* (2001), *Organização e Uso do Espaço em duas Aldeias Xerente: Uma Abordagem Etnoarqueológica* (2003), *A Tecnologia e seus Significados. Um Estudo da Cerâmica dos Asurini do Xingu e da Cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma Perspectiva Etnoarqueológica* (2000), *Etnoarqueologia dos Grafismos Kaingang: Um Modelo para a Compreensão das Sociedades Proto-Jê Meridionais* (2001) e *Os caçadores Ceramistas do Sertão Paulista: Um Estudo Etnoarqueológico da Ocupação Kaingang no Vale do Rio Feio/Aguapeí* (2007). A escolha destas pesquisas se deu conforme critérios de visibilidade quanto à sua divulgação científica, e clara manifestação de enquadramento dentro dos universos teóricos e metodológicos da Etnoarqueologia.

Como forma de interpretação das teses e dissertações escolhidas, foram utilizados alguns marcadores ou questões, que serviram de orientadores de análise desses trabalhos, ou seja, definiram os conteúdos a serem pesquisados no texto, buscando equiparar os objectos de estudo

na totalidade das pesquisas estudadas, a fim de estabelecer comparações entre essas pesquisas, a respeito das presenças e ausências de enfoque nos tópicos escolhidos.

Parte desses marcadores ou questões foram extraídos do livro “Ethnoarchaeology in Action” (David; Kramer 2001:70), particularmente do terceiro capítulo desse livro, intitulado “Fieldwork and Ethics”, e dizem respeito aos aspectos metodológicos e técnicos do trabalho em Etnoarqueologia considerados como necessários para o desenvolvimento de pesquisas dentro desse campo teórico, e que, portanto, deveriam estar claramente definidos nesses trabalhos. Tais tópicos são assim descritos:

Sobre o contexto da Pesquisa foram identificados a localização e contexto histórico e cultural do grupo estudado, o contexto político da pesquisa, incluindo situação do pesquisador, condições de financiamento e duração do trabalho de campo e os conhecimentos do investigador, incluindo competências linguísticas, conhecimento do grupo a ser pesquisado e da sua linguagem.

Sobre os métodos etnográficos e técnicas utilizadas foram analisadas a amostragem do grupo com suas estratégias, número de povoações, famílias ou indivíduos escolhidos e representações de classe, posições sociais, status, papéis ou gêneros.

Acerca dos Métodos de Pesquisa buscou-se identificar se haviam utilizado observação participante, entrevistas, questionários ou outros tipos, incluindo reconstituições e experiências.

Quanto aos assistentes (remunerados) procurou-se perceber as suas qualificações e relacionamento com os informantes. Já acerca desses últimos investigou-se suas categorias e formas de recompensas.

Finalmente quanto aos registros, buscou-se identificar se haviam sido feitos sob a forma de materiais escritos, fotografias, registros visuais e sonoros, materiais etnográficos, e outras amostras de material, com informações sobre localização e acesso.

A esses tópicos foram acrescentados mais alguns, de minha própria elaboração, concernentes aos aspectos teóricos dos trabalhos analisados e que buscaram, além de tentar perceber as preferências teóricas desses trabalhos, detectar o grau de explicitação e de importância dada a esses aspectos nessas pesquisas. São eles:

O contexto teórico da pesquisa, incluindo as opções teóricas perceptíveis (Processualismo, Contextualismo, ambos universos teóricos, outros universos teóricos ou indefinida), o grau de explicitação teórica (se directa ou indirecta) e as referências teóricas no texto (se directas, indirectas ou ausentes).

Dessa forma foi possível traçar algumas caracte-

terísticas marcantes da Etnoarqueologia brasileira contemporânea, sendo a primeira destas sua aproximação com a Etno-História, buscando, por um lado, reconstituir trajetórias históricas dos povos indígenas estudados, enfatizando suas próprias características culturais, seus caminhos e opções; e por outro, pondo a claro interferências, limitações e transformações ocorridas a partir do contacto com a sociedade nacional.

Assim, há uma nítida e manifesta preocupação em tornar claro ao leitor que essas sociedades possuem suas próprias lógicas e histórias que não são em nada inferiores às da sociedade nacional, mas, ao contrário, que por detrás dos objectos que produzem, e da sua forma de interferirem no meio circundante, há uma riqueza cultural e uma complexidade cognitiva e significativa em nada menos complexa que aquela através das quais manifesta-se nossa própria sociedade, embora seja, naturalmente, profundamente diferente do modo de vida ocidental.

A intensidade dos componentes histórico-cul-

Teses analisadas	Contexto histórico nas pesquisas			Enquadramento Teórico		
	Quantidade total de páginas da tese	Quantidade de páginas de contexto histórico cultural	Contexto histórico cultural (%)	Processualista	Contextualista	Não-definido
1 <i>Sem Tekoha não há Teko: em busca de um modelo [...]</i>	381	47	12,3			X
2 <i>A produção cerâmica como reafirmação de identidade [...]</i>	145	67	46,2		X	
3 <i>Cenários da ocupação Guarani na calha do Alto Paraná: [...]</i>	154	21	13,6			X
4 <i>Organização e uso do espaço em duas aldeias Xerente: [...]</i>	202	7	3,5			X
5 <i>As tecnologias e seus significados: Um estudo da [...]</i>	228	15	6,6	X	X	
6 <i>Etnoarqueologia dos grafismos Kaingang: Um modelo [...]</i>	315	62	19,7		X	
7 <i>Os caçadores-ceramistas do sertão paulista: Um estudo [...]</i>	208	27	13,0		X	

Figura 1.- Relação de cada uma das teses estudadas com o peso do contexto histórico no conjunto do texto e com as opções teóricas declaradas pelos autores.

turais na construção dessas teses percebe-se ao compararmos a relação entre o número de páginas totais dos textos em si e as páginas dedicadas a essa temática. Nota-se que mesmo apesar de variações significativas entre as teses no que diz respeito ao item analisado, a presença da reconstituição histórica e cultural nessas pesquisas, é, de modo geral, bastante forte. (Fig. 1)

Como segunda característica marcante das pesquisas em Etnoarqueologia no Brasil é possível assinalar a preferência pelos temas dos povos nativos indígenas. A totalidade dos trabalhos estudados foca seus estudos em aspectos da cultura material de povos indígenas brasileiros.

Tal preferência justifica-se pelos mais variados motivos, desde motivações de cunho pessoal, trabalhos de outros pesquisadores que despertaram interesse pelo tema, contacto com tribos indígenas, interesse em conhecer esses povos mais profundamente, até questões de ordem científica, como carência de informações e pesquisas a respeito de determinado povo ou mesmo questões de cunho político e social, como a urgência em estudar determinadas regiões ou povos a serem perturbados por empreendimentos de infra-estrutura a serem erigidos em seus locais tradicionais de vivência.

O fato é que parece evidente que o poder interpretativo da Etnoarqueologia indígena nativa é de importância fundamental não só para a sociedade brasileira, em seu processo de auto conhecimento, a partir dos povos e etnias que a constituem, mas também para os próprios povos estudados, através da visibilidade e do poder de penetração desses estudos na reafirmação de sua identidade, sua importância e seus direitos no interior da comunidade nacional. Entretanto, da mesma forma são de imensa importância para a própria Arqueologia de

modo geral.

Entrar em contacto com povos que ainda hoje vivem sob lógicas sociais e culturais, em grande parte diversas da cultura homogeneizante da sociedade Ocidental, cada vez mais globalizada é ter a oportunidade de estabelecer critérios comparativos a respeito da relação entre o homem e o seu meio circundante, do universo ideológico que envolve tal relação e das lógicas inerentes aos processos de produção artefactual humana. Tais informações podem ampliar o campo de visão do arqueólogo e propor novas abordagens interpretativas do tempo/espaço que estudam, novas analogias ampliadoras dos múltiplos sentidos, finalidades e funcionalidades dessa produção material.

A terceira característica da Etnoarqueologia brasileira refere-se à tendência de enquadramento teórico dentro dos horizontes científicos do Pós-Processualismo. Muito embora as discussões de ordem teórica, algumas vezes, não apareçam claramente definidas nos textos, quer em relação às diversas visões teóricas da Arqueologia, quer em relação aos diferentes enquadramentos teóricos específicos da Etnoarqueologia, e algumas outras vezes sequer está claramente definida as opções teóricas adoptadas pelo autor no desenvolvimento de seu estudo, em inúmeros momentos ao longo dos textos lidos, percebe-se a preocupação dos autores em destacar a importância das especificidades culturais e históricas e dos contextos ideacionais, na produção artefactual humana.

Em boa parte dos trabalhos há mesmo como objectivo do próprio estudo buscar compreender relações entre cultura, formas de pensamento, e a produção material dos povos estudados, e, muito embora, nem sempre esses objectivos sejam claramente alcançados, é possível perceber que os autores têm preocupação em discutir a necessidade de ultrapassar a busca

por tipologias ou por determinantes ecológicos, no estudo da realidade artefactual dos povos estudados e de perceber os componentes de especificidade, de escolha e de condicionamentos subjectivos no modo de produzir e de viver dessas comunidades. Muito embora contemple somente as opções explícitas dos autores quanto ao posicionamento teórico de seus estudos, nota-se a preferência por essa visão científica ainda na figura 1.

Como quarta característica desse campo teórico no Brasil é possível apontar uma ainda não total abrangência de trabalhos de campo feitos efectivamente para o estudo e sob as perspectivas da Etnoarqueologia, ou seja, pesquisas de cunho etnográfico, realizadas sob o enfoque teórico Arqueológico, visando observar, compreender e descrever as tramas nas quais se envolvem todo o processo de produção artefactual dos povos a serem pesquisados.

Nota-se que, embora a maioria das pesquisas

analisadas neste estudo tenham recorrido a trabalho de campo, alguns trabalhos não contaram com esse importante recurso em sua elaboração, sendo realizados tendo como referência escavações arqueológicas, ou documentos a esse respeito, e pesquisas em trabalhos de Etnologia e História Indígena, somente. (Fig. 2)

Este é um dado preocupante porque, se os documentos provenientes de escavações arqueológicas podem fornecer informações a respeito dos artefactos produzidos por esses povos, não é possível visualizar os actores a produzi-los, seus discursos, seus condicionantes sociais e culturais, todo o processo que envolve o fazer, o fabricar, o pensar acerca desses artefactos e as múltiplas relações existentes entre as condicionantes ecológicas e ideacionais que envolvem todo esse processo.

Por outro lado, a análise dos trabalhos em Etnologia realizados a respeito dos povos cuja Et-

Teses analisadas	Recurso ao trabalho de campo			Definição do trabalho de campo			
	Etnoarqueológico	Arqueológico	Inexistente	Informação sobre a duração do trabalho de campo	Informação sobre a duração do trabalho de campo	Dados sobre a amostragem do grupo estudado	Informações sobre a língua do povo estudado
1 <i>Sem Tekoha não há Teko (em busca de um modelo [...])</i>			X	-	-	-	-
2 <i>A produção cerâmica como reafirmação de identidade [...]</i>	X				X		
3 <i>Cenários da ocupação Guarani na calha do Alto Paraná: [...]</i>		X		X			X
4 <i>Organização e uso do espaço em duas aldeias Xerente: [...]</i>	X			X			X
5 <i>As tecnologias e seus significados: Um estudo da [...]</i>	X			X	X	X	
6 <i>Etnoarqueologia dos grafismos Kaingang: Um modelo [...]</i>	X						X
7 <i>Os caçadores-ceramistas do sertão paulista: Um estudo [...]</i>	X						X

Figura 2.- Análise da qualidade do trabalho de campo realizado em cada uma das teses estudadas.

noarqueologia procura-se construir, pode descrever-nos a cor da vivência desenvolvida por este povo em relação a si próprio e ao meio no qual se insere. Pode esclarecer a respeito de suas crenças, festas, rituais, condicionantes sociais, relações de poder e muitos outros aspectos, mas raramente o etnólogo tem seu olhar voltado para os processos que culminam em produção material, efectivamente. Se é possível, e mesmo certo, que a produção artefactual desses povos apareça em meio aos aspectos analisados nesses trabalhos, este não é o foco de estudo desses pesquisadores, que têm seu olhar voltado para outras relações e aspectos, e tais descrições têm pouca possibilidade de constituírem material para analogias arqueológicas com a mesma profundidade e riqueza com que uma descrição etnográfica voltada efectivamente para os processos que envolvem a produção artefactual desses povos.

Por outro lado, não basta que esses trabalhos de campo sejam realizados pelo Etnoarqueólogo, é preciso também que se possa “visualizar” aquilo que o Etnoarqueólogo assistiu em seu trabalho de campo, perceber quando, em que circunstâncias, sob que condições, por quem e por que, as actividades produtivas foram realizadas.

Em torno de tal temática é que se insere uma quinta característica da Etnoarqueologia brasileira, apreendida a partir dos textos aqui analisados: a falta de clareza a respeito dos Métodos Etnográficos e da descrição dos trabalhos de campo realizados pelos pesquisadores. Muito embora em alguns poucos trabalhos tais aspectos e procedimentos estejam claramente descritos e identificados, na maioria deles há grandes dúvidas a respeito desses pontos.

Os dados a respeito da amostragem do grupo escolhido para a pesquisa, as estratégias, o número de povoações, famílias ou indivíduos, a sua representação de classes, posições sociais,

status, papéis ou géneros, a utilização de assistentes, as qualificações e relacionamento desses com os informantes da comunidade estudada, bem como conhecimentos do investigador, incluindo seus conhecimentos culturais acerca do grupo a ser pesquisado e da sua língua raramente aparecem explicitados nos textos, enquanto as condições de financiamento e a duração do trabalho de campo, embora apareçam nos textos, nem sempre são descritas com a clareza e com o destaque que mereceriam.

Assim, na análise das pesquisas, podemos perceber, em parte, suas carências quanto aos aspectos aqui relacionados. Muito embora os dados estudados só contemplem os itens que constam ou não dos trabalhos, excluindo seu grau de clareza, nota-se, ainda na figura 2, a falta de atenção dada a tais questões.

Já quanto a descrição do trabalho de campo, esta aparece, muitas vezes, confundida com as interpretações do próprio autor ou de outros, utilizados como fontes de pesquisa, a respeito dos aspectos analisados no texto. Em raros trabalhos há uma perfeita clareza com relação às partes do texto que constituem descrição de acções observadas ou discursos proferidos pelos informantes ou assistentes que auxiliaram a execução da pesquisa, com devida definição dos actores, e dos contextos que envolvem tais acções ou discursos, ou com a transcrição literal de declarações, histórias, diálogos, devidamente identificados e contextualizados no texto.

Tal preocupação é, entretanto, essencial para que o leitor possa, dessa forma, “visualizar” e “ouvir” os actores, e possa perceber não só em que ponto começa a interpretação do pesquisador acerca do que viu e ouviu, mas também os condicionantes que envolvem essas descrições e declarações.

Assim, é possível não só dar ao leitor a oportu-

nidade de tecer suas próprias interpretações tendo como base as descrições e declarações obtidas em campo, como também perceber, de forma mais clara as percepções e interpretações obtidas pelo pesquisador a partir de tais dados. Além disso, passa a ser possível ponderar as circunstâncias nas quais se inserem as ações descritas e as declarações obtidas, bem como perceber em que posição social se incluem, de forma a gerar dados mais específicos, com maior poder interpretativo em relação às analogias que podem daí surgir.

É evidente, entretanto, que tais ausências não inviabilizam o poder explicativo dos processos produtivos que constituem objectivos dessas pesquisas e que caracterizam somente a opção por uma perspectiva descritiva mais próxima do discurso histórico que propriamente etnográfico ou arqueológico, o que talvez se explica pelo próprio cariz da arqueologia relacionada com os grupos indígenas no Brasil, globalizante, buscando reconstruir uma trajetória cultural e ecológica desses povos num tempo/espaço entrecortado pela colonização europeia da América e pelo surgimento da nação brasileira.

Por fim há que se destacar que as ausências e permanências no fazer científico da Etnoarqueologia brasileira aqui discutidos, não abarcam a totalidade das características desse campo científico no Brasil, uma vez que a ciência é feita por um grupo específico com lógicas próprias que é, por sua vez, formada por pessoas singulares, com visões particularmente únicas da ciência e do mundo. Princípio que se aplica não só aos investigadores, mas também àqueles que lêem seus escritos e os interpretam, não significando críticas à forma como tal campo científico se desenvolve nesse país, mas tão somente a busca por uma caracterização da Etnoarqueologia aí praticada, dentro das possibilidades e opções nas quais se insere não só a Arqueologia, mas toda a sociedade brasileira

contemporânea.

### **CONCLUSÕES: CIÊNCIA E CONDICIONAMENTOS SOCIAIS**

A Etnoarqueologia, como ciência que busca alcançar conhecimento arqueológico através de estudos de cunho etnográfico, não pode se abster do facto de que para além de construir conhecimentos abstractos a respeito da trajetória humana e de sua produção artefactual/cultural, está a tratar de questões que dizem respeito à história e à cultura de povos contemporâneos, que podem ter nessas informações, subsídios para a defesa dos direitos que buscam alcançar na sociedade nacional.

Neste ponto a Etnoarqueologia brasileira não tem se posto a parte das urgências das questões por ela levantadas a respeito dos povos indígenas brasileiros, e se mantém fortemente presente, no decorrer das pesquisas aqui analisadas, não só para denunciar as situações de dominação e de colonização sofridas pelos povos pesquisados no decorrer de suas histórias, como as necessidades e reivindicações desses povos no presente.

Mas novas contingências apontam para o alargamento dos horizontes desse campo científico no Brasil. Outros grupos étnicos, que também constituem comunidades em maior ou menor grau afastadas das lógicas culturais da sociedade ocidental também possuem grande potencial científico na busca de analogias arqueológicas. Além disso também possuem grande potencial socio-político como participantes na trama étnico-cultural que constitui o povo brasileiro e tomam cada vez mais visibilidade no cenário nacional, despertando atenção para o estudo de suas trajetórias históricas e culturais e para o discutir de suas lógicas, visões de mundo e reivindicações.

Em particular, destaca-se a importância das comunidades Quilombolas (Quilombo -lugar es-



condido ou fortificado em que se refugiavam escravos fugidos) no alertar para o reescrever de uma história que não aponte somente para a dominação e a escravidão de povos africanos no Brasil, mas também para formas de luta e de resistência, na tentativa de preservação de um modo de vida alternativo às imposições das elites dominantes.

Além disso, outras perspectivas de análise da produção científica nos confrontam com ainda outros desafios. Joaquín Herrera Flores (2006) nos alerta acerca de nossa visão cultural homogênea sobre nós mesmos e sobre os outros, incapaz de ver os multiculturalismos presentes em qualquer comunidade humana e cegos tanto para os nossos defeitos quanto para as qualidades do “outro” no conviver com grupos culturais diferentes.

O combate a tal perspectiva toma uma dimensão importante em duas vertentes. Em termos de posicionamento ético não só desafia cientistas de todas as áreas, mas toda a sociedade, a desenvolver um olhar polissêmico acerca do “outro”, que seja capaz, não só de relativizar nossos próprios princípios e visões acerca do mundo - de perceber que não são os únicos possíveis, e que não são homogêneos, mesmo no interior da nossa sociedade - mas também de perceber que os modos de viver diferentes das outras sociedades, não significam que essas sejam inferiores, exóticos ou desprezíveis, mas que são outras visões, igualmente válidas e com valor equiparável às nossas próprias, e que, para além disso, essas outras sociedades também não são, elas próprias, homogêneas, e que há diferenças no interior de todos os grupos humanos.

Em termos de posicionamento científico, oferece ao Etnoarqueólogo um desafio e uma importante crítica: é preciso estar atento para o fato de que o seu trabalho não deve servir de substrato para esse tipo de homogeneização

cultural e que o olhar desse cientista deve estar sempre preparado para observar os povos que estuda, não só pela perspectiva das tipologias, dos fósseis-directores, enfim, das semelhanças e permanências; mas também para perceber as culturas que estuda, como elementos que são compostos de pluralidades e que se transformam no tempo.

A cerca disso, fala-nos Solange Schiavetto, em seu livro “*A arqueologia Guarani. Construção e desconstrução da identidade indígena*”:

*“Não se trata de simplesmente desvincular cultura material e grupos étnicos, dizendo, por exemplo, que os Guarani pré-históricos nada tem a ver com os Guarani conhecidos ou com os actuais (...) Tratar-se, ao contrário, de aceitar a possibilidade de os grupos étnicos serem vistos como entidades dotadas de um carácter situacional e fluído, repensando as tradições e sub tradições utilizadas na arqueologia até o momento”* (Schiavetto 2003:101).

Ora, tal questão não abarca somente a Cultura Guarani, mas todas as culturas estudadas cientificamente, bem como a Cultura daqueles que as estudam, e é preciso que tenhamos o cuidado de perceber tais questões, mesmo que elas nos levem a repensar os objectivos de nossos trabalhos, a buscar novas vias e novos questionamentos, que nos levem a ampliar os olhares e os horizontes dos estudos que se referem a grupos étnicos em todas as partes do mundo, e em especial, no Brasil.

Trata-se de abordar, nos estudos étnicos, entre os quais os Etnoarqueológicos, a fluidez de todas as culturas, sua não homogeneidade - quer interna, quer histórica - e ver a cultura sob uma perspectiva mais humanizada, mais atenta a própria natureza humana em seu viés auto-transformador e por isso mesmo também transformador do ambiente - quer físico, quer social - no qual se insere. Acerca disso ainda nos fala

Schiavetto:

“Ao definir uma “cultura arqueológica” com base nos traços materiais das sociedades indígenas, cria-se por meio da delimitação conceitual, categorias imutáveis, seguindo padrões de vida social (assentamento, religião, adaptação ao meio, confecção de cultura material) cujas variantes culturais acabam por ser “mascaradas pela busca de uma grande nação guarani” (...) Dessa forma, o guarani foi, no decorrer da história do pensamento arqueológico, incessantemente criado por arqueólogos (...)” (Schiavetto 2003:119).

É claro que não se trata de desvalorizar a importância das categorias para a Arqueologia e para o estudo do Homem em sua relação com seu meio circundante, tanto humano quanto natural, tanto quanto também não se trata de esquecermos que, em última instância, qualquer estudo é uma construção, uma visão de um cientista e de uma ciência acerca de seu objecto, e que independente da abrangência e do enfoque escolhido, o discurso que se constrói acerca dele nunca abrangerá a sua complexidade por completo.

Trata-se, entretanto, de termos a consciência de que as categorias que escolhemos analisar nos trabalhos em Arqueologia, e em especial nos estudos Etnoarqueológicos, não podem servir para subjugar as diferenças, ou para ignorá-las, obrigando o quotidiano estudado a forçosamente ser compatível com as categorias estudadas, quando nos deparamos com situações que ponham em questão nossas escolhas e classificações, mas de admitirmos que as teorias, métodos e técnicas que usamos nos trabalhos científicos são somente opções de análise e ângulos de visão de uma realidade cuja complexidade nunca poderá ser completamente percebida, e de que não podemos sujeitar essa complexidade às nossas opções de análise quando a realidade nos impõe que nossas op-

ções sejam reavaliadas, ou que simplesmente possamos admitir nossos limites na análise de determinado objecto.

Enfim, que tenhamos como horizonte teórico e social da Etnoarqueologia brasileira, o compromisso de contribuirmos, para, nas palavras de Cornelius Castoriadis, apreendidas por Joaquín Herrera Flores, combater “a essencial inconvertibilidade do Outro” (Flores 2006:34), ou seja, superarmos uma visão estreita das outras culturas, que nos impede de nos convertermos nos “outros” ou de convertê-los em nós mesmos, de percebermos o quanto nenhuma cultura é homogênea ou superior, de quão multicultural e polissêmico todos nós somos, e como as estranhezas de outras culturas se aproximam das nossas próprias, e de, assim, podermos fazer uma ciência mais próxima do quotidiano que a inspira e a constitui, quer através de seus agentes, quer através dos seus objectos.

#### AGRADECIMENTOS

O problema central deste artigo relaciona-se às perspectivas abordadas em minha dissertação de Mestrado, defendida em Maio de 2008 na Universidade do Algarve, Portugal, e resultado de uma cooperação entre esta Universidade, através da orientação do Prof. Dr. Nuno Bicho, e da UNICAMP, através da orientação do Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari, aos quais agradeço profundamente pela constante disponibilidade e pelos importantes direccionamentos nesta minha incursão pelos horizontes científicos da Etnoarqueologia.

#### BIBLIOGRAFIA

FUNARI, P. P. A. (2002). *Desaparecimento e emergência dos grupos subordinados na Arqueologia Brasileira*. Horizontes Antropológico, 18, 131-154. São Paulo.

MOI, F. P. (2003). *Organização e Uso do Espaço em duas Aldeias Xerente: Uma Aborda-*

*gem Etnoarqueológica*. São Paulo: MAE-USP. Tese de Mestrado

**NOELLI, F. S. (1993).** *Sem Tekohá não há Tekó: Em Busca de um Modelo Etnoarqueológico da Aldeia e da Subsistência Guarani e sua Aplicação a uma Área de Domínio no Delta do Rio Jacuí-RS*. Rio Grande do Sul: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC – RS). Tese de Mestrado.

**OLIVEIRA, L. M. (1999).** *A Produção Cerâmica como Reafirmação de Identidade Étnica Maxakali: Um Estudo Etnoarqueológico*. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP). Tese de Mestrado.

**RODRIGUES, R. A. (2001).** *Cenários da Ocupação Guarani na Calha do Alto Paraná: um Estudo Etnoarqueológico*. São Paulo: MAE-USP. Tese de Mestrado. (2007). *Os caçadores Ceramistas do Sertão Paulista: Um Estudo Etnoarqueológico da Ocupação Kaingang no Vale do Rio Feio/Aguapeí*. São Paulo: MAE-USP. Tese de Doutorado.

**SILVA, F. A. (2000).** *A Tecnologia e seus Significados. Um Estudo da Cerâmica dos Asuriní do Xingu e da Cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma Perspectiva Etnoarqueológica*. São Paulo: Universidade de São Paulo. Tese de Doutorado.

**SILVA, S. B. DA (2001).** *Etnoarqueologia dos Grafismos Kaingang: Um Modelo para a Compreensão das Sociedades Proto-Jê Meridionais*. São Paulo: Universidade de São Paulo. Tese de Doutorado.

**DAVID, N. & KRAMER, C. (1979).** *Ethnoarchaeology in Action*. Cambridge: Cambridge University Press.

**FLORES, J. H. (2006).** *Colonialismo y violencia. Bases para una reflexión pos-colonial*

desde lo derechos humanos. *Revista crítica de ciencias sociais*, 75, Outubro de 2006: 21-40.

**SCHIAVETTO, S. N. DE O. (2003).** *A arqueologia Guarani. Construção e desconstrução da identidade indígena*. São Paulo: Annablume editora.